

## Fenomenologia e hermenêutica: relações em Paul Ricoeur<sup>1</sup>

*Hélio Salles Gentil*<sup>2</sup>

Vitória(ES), vol. 4, n.2  
Agosto/Dezembro 2015

***SOFIA***  
Versão eletrônica

---

<sup>1</sup> Uma primeira versão desse trabalho foi apresentada e discutida em outubro de 2012 no Encontro da ANPOF em Curitiba, no GT de Fenomenologia; agradeço aos colegas então presentes pelas observações e questões colocadas.

<sup>2</sup> Doutor em Filosofia pela USP. Professor titular da Universidade São Judas Tadeu (USJT), em São Paulo

**Resumo:** O que esse trabalho apresenta é uma pergunta, talvez uma provocação, certamente um convite a pensar: pode a fenomenologia não ser hermenêutica? Embora a resposta imediata possa ser uma enfática afirmação – é claro que pode, não só pode como é, isso é evidente, a pergunta não faz o menor sentido! – vamos examiná-la considerando um aspecto da articulação dessas perspectivas no trabalho de Ricoeur

**Palavras-Chave:** Ricoeur, hermenêutica, fenomenologia.

**Abstract:** What this work shows is a question, perhaps a provocation, certainly an invitation to think: can not be hermeneutic the phenomenology? Although the immediate answer could be an emphatic statement - of course it can, not only it can as it is, this is evident, the question does not make any sense! - let's examine it considering one aspect of the articulation of these perspectives in the work of Ricoeur

**Keywords:** Ricoeur, hermeneutic, phenomenology.

É bem conhecida por todos a tríplice filiação do trabalho de pensamento de Ricoeur: a filosofia reflexiva francesa, a fenomenologia husserliana e a hermenêutica filosófica de Schleiermacher e Dilthey em diante. A articulação entre as três no desenvolvimento de suas investigações é extremamente complexa e fecunda, levada a cabo com uma originalidade muitas vezes ainda pouco reconhecida, de certo modo até mesmo oculta pela atenção minuciosa que ele dedica às obras alheias, extraíndo delas o melhor de sua contribuição e reconhecendo sempre sua dívida para com esses antecessores e pares. O que esse trabalho apresenta é uma pergunta, talvez uma provocação, certamente um convite a pensar: pode a fenomenologia não ser hermenêutica? Embora a resposta imediata possa ser uma enfática afirmação – é claro que pode, não só pode como é, isso é evidente, a pergunta não faz o menor sentido! – vamos examiná-la considerando um aspecto da articulação dessas perspectivas no trabalho de Ricoeur.

Num artigo publicado em 1953 na revista *ESPRIT*<sup>3</sup> e republicado na coletânea *À l'école de la phénoménologie* (Paris, Vrin, 1986; daqui em diante referida como EF), depois de chamar a atenção para o caráter de exploração da obra de Husserl, no sentido de ter sido um trabalho de investigação que abriu e também fechou muitos caminhos – alguns desses últimos retomados por pesquisadores posteriores, corroborando a ideia de que “a estrutura da obra do mestre implicava que não houvesse ortodoxia husserliana”<sup>4</sup> – Ricoeur destaca “uma exigência de método” que, segundo ele “não se enfatiza o bastante”, embora Husserl tenha insistido nela, principalmente na época de *Ideen I e II* e das *Meditações Cartesianas*:

---

<sup>3</sup> n.21, p821-839

<sup>4</sup> RICOEUR, EF, p.171

Não se pode explorar o “fluxo do vivido” a não ser com aquilo que ele denominava “o guia transcendental do objeto”, ou seja, sob a orientação de certas unidades de sentido (coisas, valores, pessoas, etc.) que propõem o “sentido” que se vai constituir. Certamente, essas unidades de sentido são apenas “presumidas” no fluxo de perfis (no caso da “coisa” percebida). Mas, em troca, todo perfil se transcende em um sentido presumido. Husserl havia assim surpreendido aquilo que ele chamou de o “maravilhoso” da consciência, ou ainda a “teleologia” da consciência, quer dizer, esse fato espantoso de que haja uma concordância dos perfis e não um caos de aparições (...).<sup>5</sup>

Ora, aceita como correta essa ideia de que a visada da consciência tem por guia uma unidade de sentido presumida, sendo seu objeto, nesse aspecto, um sentido antecipado, pré-constituído, pode-se pensar que essa antecipação, essa pré-constituição, não é criação absoluta, criação *ex-nihilo*, da consciência: esta já é orientada previamente pela rede de significações que constitui seu mundo, que constitui seu horizonte de significados, mundo e horizonte que lhe antecedem. Perguntamos então: a redução fenomenológica, a suspensão das relações empíricas e da tese do mundo que sustenta e é sustentada pela atitude natural, retira da consciência esse horizonte constituído? Coloca-a num vazio, sem mundo, sem horizonte? Como ela poderia encontrar “algo” sem antecipá-lo? E como antecipar um sentido sem recorrer ao “tesouro de significações” da tradição em que foi forjada essa consciência, tradição a que pertence e que lhe serve de ponto de partida, terreno a partir do qual se põe em movimento? A estrutura de projeção e antecipação da consciência pode ser pensada fora da história? A consciência transcendental escapa a essa estrutura da consciência? Sua temporalidade pode ser a-histórica?

Em Ricoeur esse movimento de “transcendência” passa a ser assumido no interior de uma imanência insuperável, a imanência ao mundo e à história, transformando-se em um certo “distanciamento”, reconhecido e elaborado no interior de um pertencimento ao mundo e à história, mais precisamente, num movimento entre pertencimento e distanciamento<sup>6</sup>.

Num artigo publicado em 1949 na *Revue de Métaphysique et Morale*<sup>7</sup>, “Husserl e o sentido da história”, Ricoeur examina “o aparecimento da preocupação com a história na última fase do pensamento husserliano” a partir de 1930, considerando as publicações entre 1935 e 1939 (EF, p.19), reconhecendo que “nada na obra anterior de Husserl parece preparar um desvio da fenomenologia no rumo de uma filosofia da história. Ao contrário, aí se vêem razões para jamais ir ao encontro da filosofia da história.”<sup>8</sup>. E completa, esclarecendo a posição de Husserl:

... o sentido de uma estrutura lógica (...) é independente da história da consciência individual ou da história da humanidade que baliza a descoberta ou a elaboração desse sentido. O sentido se revela como sentido à intuição que lhe vê as articulações. A história do conceito, enquanto

<sup>5</sup> RICOEUR, EF, p.183

<sup>6</sup> Cf. os esclarecedores ensaios iniciais da coletânea *Du text à l'action*, Paris, Seuil, 1986

<sup>7</sup> n.54, p.280-316; republicado em EF p.19-64

<sup>8</sup> RICOEUR, EF, p.22

expressão do sentido, não importa à verdade do sentido. A verdade (...) permanece uma relação a-histórica entre uma visada “no vácuo”, “no vazio”, e uma presença intuitiva (...) que “preenche” essa visada.<sup>9</sup>

Deixando de lado aqui a questão, certamente importante, desse movimento do próprio Husserl em direção à história e ao *Lebenswelt*, podemos reconhecer que em Ricoeur a história e o mundo da vida sempre estiveram presentes – a existência talvez seja aqui o termo mais apropriado, abrangente, se nos lembrarmos tanto de seu mestre direto, Gabriel Marcel, quanto de sua admiração pela obra de Karl Jaspers em seus anos de formação. Pode-se pensar numa fenomenologia “pura” depois do reconhecimento desse pertencimento inescapável ao mundo e à história? A própria temporalidade da consciência não obriga a reconhecer esse pertencimento? Um pertencimento que inclui um distanciamento correlato, posto pelo próprio desdobramento temporal da consciência e do ser, desdobramento que, ao mesmo tempo, instaura distâncias e impõe um trabalho de superação dessas distâncias.

Essa posição está longe de invalidar o empreendimento fenomenológico de Husserl. A fenomenologia é o tronco sobre o qual vem enxertar-se a hermenêutica, é sua indispensável estrutura de acolhida, insiste Ricoeur. Entre outras coisas, para dar conta da experiência na qual se enraíza toda interpretação, para dar conta desse enraizamento e evitar o relativismo e o descomprometimento, a flutuação das interpretações num espaço em que todas se equivaleriam. Essa posição, portanto, atinge apenas o idealismo de Husserl, mais especificamente, afirma Ricoeur, a “interpretação filosófica idealista” que o próprio Husserl fez do método que praticava. É possível – e necessário – distinguir esse método e suas realizações, as “descrições propriamente fenomenológicas”, de sua interpretação idealista. “No próprio Husserl o método se mistura com uma interpretação idealista, que representa uma parte considerável de sua obra publicada e tende a situar a fenomenologia no mesmo plano dos neokantismos do princípio do século.”<sup>10</sup>, escreve Ricoeur na apresentação de Husserl que faz para a *História da filosofia alemã* de E. Bréhier. A “interpretação idealista da constituição” é um exemplo destacado no já referido ensaio de 1953:

Se as coisas se constituem não somente “para” mim, mas “em” mim e “a partir” de mim, a fenomenologia não é mais o reconhecimento do *outro* em sua alteridade, mas, como o disse Husserl mesmo nas *Meditações Cartesianas*, “a explicitação da mônada-eu.”<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> RICOEUR, EF, p.22

<sup>10</sup> RICOEUR, EF, p.8

<sup>11</sup> RICOEUR, EF, p.184-5)

Ora, por uma outra vertente que, de certa maneira, radicaliza ainda mais o movimento husserliano em relação ao cogito cartesiano, Ricoeur encontra um cogito ferido<sup>12</sup>, partido, quebrado, aberto, permitindo a superação desse eu-mônada ilusório. Ou, antes, iludido sobre si mesmo, vítima, escreve ele, de “uma segunda ingenuidade”, mais difícil de ser superada que a ingenuidade da atitude natural, uma “ingenuidade transcendental”, “que consiste em considerar o “transcendental”, o “constituente”, como o “primitivo” absoluto”<sup>13</sup>.

Se o *ego* se perde facilmente em seu mundo e se compreende de bom grado pelas coisas que o cercam, uma ilusão mais persistente ainda o encerra no circuito mesmo de sua subjetividade; (...) a “vaidade” do ego é estendida como um véu sobre o ser mesmo de sua existência.<sup>14</sup>

Levantar esse véu, desfazer essa ilusão, liberar o ego do aprisionamento no circuito fechado de um solipsismo idealista, eis o que propicia também o enxerto da hermenêutica sobre a fenomenologia nesse nível, o da problemática do cogito, “transformando-a profundamente”, como ele escreve em 1965 em “Existência e hermenêutica”. Apresenta Ricoeur nesse ensaio uma formulação clara da perspectiva de substituição da noção de *ego* pela noção *si*, “si mesmo” cujo exame ganhará sua maior elaboração na publicação de *Soi-même comme un autre* em 1990, despojando o *ego* de sua pretensão idealista de ser ponto de partida ou fundamento de uma verdade evidente.

A verdade do cogito cartesiano é uma verdade que se põe a si mesma, mas é uma verdade vã, escreve Ricoeur, “é como um primeiro passo que não pode ser seguido por nenhum outro (...) enquanto o *ego* do *ego cogito* não se tiver retomado no espelho de seus objetos, de suas obras e de seus atos”<sup>15</sup>. Nesse sentido, “a reflexão é uma intuição cega se não for mediatizada por aquilo que Dilthey chamava de expressões nas quais a vida se objetiva”<sup>16</sup>. Reconhecer-se posto numa existência, numa história e num mundo que o antecedem e a partir de onde coloca-se em um distanciamento reflexivo, pode livrar o *ego* daquele seu aprisionamento em uma ilusão narcísica, ao custo de um reconhecimento de seus limites e de um despojamento de suas pretensões exacerbadas. trabalho de uma reflexão hermenêutica crítica que coloca em questão as relações diretamente intuitivas, a-históricas, entre uma visada e uma presença que preenche essa visada.

Esse questionamento impõe-se não só por essa imersão da consciência na existência e na história, mas também por uma outra descoberta da hermenêutica, mais especificamente das

<sup>12</sup> Cf Gagnebin, 2006.

<sup>13</sup> RICOEUR, EF, p.86

<sup>14</sup> RICOEUR, EF, p.91-92

<sup>15</sup> RICOEUR, Paul. *Le Conflit des Interprétations* – referido como CI daqui em diante – p. 21

<sup>16</sup> *idem, ibidem*

assim denominadas “hermenêuticas da suspeita” – Nietzsche, Freud e Marx – que nos ensinaram, escreve Ricoeur, que “ a consciência pretensamente imediata é, antes de tudo, “consciência falsa”<sup>17</sup>, e deve ser “desmascarada” pelo trabalho de crítica, por um trabalho de interpretação crítica.

Ora, a redução fenomenológica posiciona a consciência reflexiva acima de qualquer mediação e de qualquer suspeita? Ou o enxerto hermenêutico na fenomenologia altera mesmo profundamente todo o empreendimento fenomenológico? Volto à pergunta inicial: pode a fenomenologia, depois disso tudo, não ser hermenêutica?

## REFERÊNCIAS

- DASTUR, Françoise. “De la phénoménologie transcendantale à la phénoménologie herméneutique” In Greisch, J. and Kearney, R. (dir.) *Paul Ricoeur: les métamorphoses de la raison herméneutique*. Paris: Cerf, 1991, p.37-50.
- DOSSE, François. *Paul Ricoeur: les sens d’une vie*. Paris, La Découverte, 1997.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. “Uma filosofia do cogito ferido: Paul Ricoeur” In *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006, p.163-178.
- KEARNEY, Richard. “Between Phenomenology and Hermeneutics” In *On Paul Ricoeur: the owl of Minerva*. Aldershot/UK: Ashgate, 2004, p.13-32.
- PINTOR-RAMOS, Antonio. “Paul Ricoeur y la fenomenología” In Martínez, Tomás Calvo y Crespo, Remedios Ávila (eds.) *Paul Ricoeur: los caminos de la interpretación*. Barcelona: Anthropos, 1991, p.73-106.
- RICOEUR, Paul. “Introduction à *Ideen I* de E. Husserl” In Husserl, Edmond. *Idées directrices pour une phenomenology*. Trad. Paul Ricoeur. Paris: Gallimard, 1950, p. XI-XXXIX.
- \_\_\_\_\_. *Le conflit des interprétations: essais de herméneutique*. Paris: Seuil, 1969.
- \_\_\_\_\_. *À l’école de la phénoménologie*. Paris: Vrin, 1986 (2004, édition de poche).
- \_\_\_\_\_. *Du text à l’action: essais de herméneutique II*. Paris: Seuil, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990.

---

<sup>17</sup> CI, p 22

\_\_\_\_\_. “Resposta a Pintor-Ramos” In Martínez, Tomás Calvo y Crespo, Remedios Ávila (eds.) *Paul Ricoeur: los caminos de la interpretación*. Barcelona: Anthropos, 1991, p.107-111.

\_\_\_\_\_. “Intellectual Autobiography” In Hahn, Lewis Edwin (ed.) *The Philosophy of Paul Ricoeur* (vol. XXIII da coleção The Library of Living Philosophers) Chicago: Open Court, 1995, p.3-53.